

RESENHA ACADÊMICA DESCRITIVA – A REVOLUÇÃO MERCANTIL

CAPÍTULO VI DO LIVRO “O PROCESSO CIVILIZATÓRIO” DE DARCY RIBEIRO

DESCRIPTIVE ACADEMIC REVIEW - THE MARKET REVOLUTION CHAPTER VI OF THE BOOK “DARCY RIBEIRO’S “CIVILIZATION PROCESS”

Delimar Alves da Silva¹

Helen dos Santos Costa²

Mirelle Silva Martins³

Thayane Messias de Castro Pires⁴

Maria Eduarda Rocha Santana⁵

Mariany Almeida Montino⁶

Introdução

A resenha que aqui apresentamos se refere ao capítulo VI da terceira parte do livro “**O Processo Civilizatório**”, de autoria do sociólogo, professor e escritor Darcy Ribeiro, publicado originalmente no ano 1968. A versão que escolhemos foi publicada pela Editora Vozes Limitadas em 1978. Antropólogo, educador e romancista, Darcy Ribeiro nasceu a 26 de outubro de 1922 em Montes Claros (MG) e faleceu em Brasília (DF), em dezessete de fevereiro de 1997. Membro da Academia Brasileira de Letras, ativista das questões indígenas, defensor da escola pública de qualidade, senador, vice-governador do Rio de Janeiro, autor de várias obras, boa parte da vida do autor foi dedicada a serviços prestados à nossa sociedade.

A evolução sociocultural da Revolução Mercantil culminou no fortalecimento do Estado e enriquecimento da burguesia, e com isso a economia vinha sendo ampliada de forma a obter mais lucros, exigindo mais impostos. Dessa forma, houve o aperfeiçoamento dos meios tecnológicos, dentre eles o modo de navegação e orientação, na descoberta de novos procedimentos mecânicos e uma nova metalurgia. Baseavam-se também na renovação de artes de guerra, com armas de fogo, assim como o aperfeiçoamento de técnicas de moinho de vento, rodas hidráulicas, e outras máquinas, além da fabricação de papel e de instrumentos ópticos. Toda essa tecnologia permitiu o domínio além-mar e possibilitou o rompimento com o feudalismo e o domínio do Império Despótico Salvacionista. Vale ressaltar que o crescimento e a

1 Graduanda do curso de Serviço Social - Unitins. E-mail: delimardasilva@hotmail.com

2 Graduanda do curso de Serviço Social - Unitins. E-mail: hellensantos8441@gmail.com

3 Graduanda do curso de Serviço Social - Unitins. E-mail: mirellemartins14@gmail.com

4 Graduanda do curso de Serviço Social - Unitins. E-mail: thayanemessias9@gmail.com

5 Graduanda do curso de Serviço Social - Unitins. E-mail: mariaeduardarocha0380@gmail.com

6 Professora Doutora da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>
E-mail: mariany.am@unitins.br

expansão do comércio vai se dar, especialmente, sob a influência dos Impérios Despóticos Salvacionistas, antigas Chefias Pastoris Nômades, que foram amadurecendo, se desenvolvendo, e se tornaram grandes impérios. Durante longo tempo na história viveram como povos nômades, mas com o crescimento da população e dos rebanhos passaram a conquistar novas terras e houve a necessidade de fixarem-se em um lugar, assim uma boa parte da Ibéria e da Rússia ficou séculos no domínio dos povos islâmicos e mongóis.

O autor nos aponta como marco do surgimento do Império Mercantil Salvacionista nos séculos XV e XVI a luta pela reconquista da Ibéria e a Rússia dos territórios povoados há séculos por árabes e tártaro-mongóis. A partir das tecnologias já citadas no parágrafo anterior a Ibéria começa a explorar o atlântico, já Portugal com mais tempo de mar, estabelece uma nova rota para as Índias e nesse percurso descobre o Cabo Verde, a Costa do Ouro e chega ao Brasil. A Espanha também se expande no domínio de novas terras do continente americano. A Rússia simultaneamente explora parte da América, ocupando o Alasca. Darcy Ribeiro ressalta que a Europa explode lançando as bases da primeira civilização do mundo, sendo ela também herdeira das tecnologias islâmicas.

A partir do domínio da América tanto a Ibéria quanto a Rússia travaram uma luta para reconquistar suas terras ocupadas pelos islâmicos e tártaro-mongólicos. O poder adquirido pela igreja tornou essa guerra possível, porém com grande custo para o povo, e enriquecedora para a igreja. As monarquias ibéricas aliaram-se ao Papado juntando-se ao poder econômico e o salvacionismo de Madri. Com isso os povos ibéricos passaram a serem dominados pelo poder aristocrático-clerical, que promoveu o exílio em massa de mouros e judeus, promovendo a perda de tecnologias que facilitavam a vida do campo e da cidade, o que culminou em uma diminuição dos povos ibéricos. O Império Mercantil Salvacionista acabou por provocar um retrocesso para a Ibéria e não conseguiu se firmar como poder capitalista mercantil. Assim também ocorreu na Rússia, apesar do enriquecimento por coleta de tributos para a Horda do Ouro, não se definiu como desenvolvimento capitalista.

As tradições do poder absoluto salvacionista dominaram os dois Impérios Mercantis, com povos que expressavam um fanatismo religioso, prontos a expulsar e cometer barbáries com aqueles que não comungassem da sua religião. Mais uma vez o retrocesso econômico movido por fiéis, levou à escassez de setores importantes para a movimentação econômica de um país, com isso a Espanha e Portugal se auto excluíram da Revolução Industrial. A Rússia tentou ser mais despótica que salvacionista, porém manteve sua fidelidade ao poder da igreja com ações que fortaleceram o domínio religioso, o que provocou uma expansão de intolerância religiosa denominada *pogroms*, fato que causou milhares de morte de judeus.

Os dois impérios mantiveram os princípios do mercantilismo oriental, impondo sobre a sociedade burguesa capitalista o poder “político-militar e arrecadador de tributos” (p. 133), fazendo com que as empresas fossem praticamente estatais e custeassem todo o desenvolvimento econômico do país, além de continuar mantendo as classes parasitárias.

Com a expansão marítima dos Impérios Mercantis sobre os continentes americanos, africanos e asiáticos através de inovações tecnológicas proporcionadas por meio da Revolução Mercantil, resultou a escravização de etnias dos continentes invadidos. Além disso, o colonialismo escravista estruturou-se nas colônias mediante alguns processos. Inicialmente com o domínio dos territórios, a destituição do poder dos líderes locais, e não somente a incorporação dos europeus nas colônias, mas também, sua cultura, costumes, religião e idioma, deslegitimando totalmente os outros povos pertencentes a esses territórios, como ainda a exploração da mão de obra indígena e a retirada forçada dos povos africanos para serem utilizados como escravos em outro continente. Além disso, a expansão marítima foi responsável por dar início ao notório capitalismo atual, sistema econômico caracterizado pela posse de propriedade privada e acúmulo de bens. O nascimento do Capitalismo Mercantil se sucedeu na Europa, e tinha como objetivo o domínio não apenas no continente, mas de se expandir aos outros continentes. O desenvolvimento do comércio e dos artesãos chamou a atenção de homens detentores do capital, surgindo novas divisões na época e dando início ao trabalho remunerado, gerando lucro e produtividade nas cidades. A nova forma de trabalho gerou grande sucesso, e estava presente em diversos setores da cidade, a procura e a demanda aumentou resultando em um mercado interno, tanto na área rural quanto nos grandes centros urbanos.

O crescimento desse comércio foi alterando as relações econômicas, intensificando a mão de obra assalariada, a propriedade privada e as desigualdades sociais, em detrimento das atividades voltadas à mutualidade e igualdade. A inovação não foi bem aceita pela população que gritava pela defesa do antigo sistema, ocorrendo diversas rebeliões, no entanto o poder da igreja conseguiu conter a rebeldia da população, argumentando que o ato de revolta seria contra os valores e costumes cristãos. Tal ajuda da Igreja, foi imprescindível, pois conseguiu inserir de forma definitiva o Capitalismo Mercantil, que com o passar dos anos tornou-se a nova e consagrada ordem social. Com a ascensão da mão de obra capitalizada, ocasionou um alarmante número de pessoas da zona rural migrando para as cidades. Este processo civilizatório encontrava-se em seu apogeu, devido ao capital que crescia constantemente e pelo alargamento e facilidade da mão de obra, o sistema ganhava forças e expandia-se cada vez mais, isso com os investimentos dos empresários em manufatureiras e pela venda no mercado interno e externo, logo, as empresas reverteram os investimentos em lucros.

Desse modo, os benefícios desse modelo comercial foram responsáveis por dividir a sociedade em dois polos distintos, mas que se complementam, sendo eles os proprietários do capital e a mão de obra assalariada, inaugurando uma nova estratificação social – de um lado proprietários aliciadores de mão de obra, assalariada ou escrava, de outro uma camada de despossuídos. No entanto, diversas civilizações não ficaram satisfeitas apenas com o comércio interno e foram em busca de novos ares na chamada “expansão marítima”, que teve como ponto chave o tráfico e a utilização de mão de obra escrava. Essa nova estrutura fica formada por dois polos: um centralizado nas cidades e o outro no comércio marítimo, construindo assim uma economia rural, urbana e em colônias mercantis baseada na força escrava e extorsão de bens materiais de outros povos. Com isso, o Capitalismo Mercantil consolida novas formas de trabalho, a modificação na mão de obra, classes dominantes e subordinadas, novo regime econômico marcado pela exploração da massa produtora dos bens de consumo e também pela ideologia católica.

Segundo o autor, esse foi o maior movimento de atualização histórica, em que milhões de homens foram trasladados de um continente a outro, matrizes étnicas foram misturadas e os patrimônios culturais mais divergentes foram afetados e remodelados. Milhares de povos foram integrados num sistema econômico de base mundial, como sociedades subalternas, com culturas a serem desprezadas, populações e nações inteiras utilizadas como instrumento de prosperidade dos centros metropolitanos que passam a gerir os seus destinos. Somado à isso, o crescente sentimento de superioridade europeu, com destinação civilizadora, que passou a justificar todas as formas de opressão colonial.

Em decorrência dos fatos mencionados e após muitos conflitos - união entre diferentes etnias e fusão de culturas, a Europa é obrigada a apurar um novo olhar sobre os povos explorados, que agora reconhecem a sua identidade nacional, identificam-se como nações com desenvolvimento discrepantes entre as demais, e com consciência do seu direito a suas terras exploradas. Esse novo período na Europa, repleto por conflitos e diferenças de interesses configura uma nova direção na história.

A Europa, então, aprofunda o movimento iniciado pelo Renascimento e pela Reforma Protestante. Quebram-se as velhas e intocáveis hierarquias religiosas, e a alfabetização em massa, levada a efeito para ler a Bíblia, permitiria de então em diante, recrutar a camada intelectual em bases muito mais amplas, com maior liberdade de indagação e de pesquisa. Em um ambiente enfim livre de travas religiosas tudo pode ser perguntado e pesquisado. As ciências e as artes experimentam um desenvolvimento nunca antes alcançado e lançam as bases para uma nova revolução no plano da tecnologia. Por outro lado, o capitalismo mercantil despersionaliza as relações de trabalho, transforma a mão de obra em um bem livremente negociável e cria uma classe empresarial para a qual se prescrevem direitos, mas não deveres, de uma completa irresponsabilidade social para com o destino dos trabalhadores.

O autor ainda afirma que vivemos em uma sociedade capitalista colonial e patriarcal, por referências aos três principais modos de dominação da era moderna: capitalismo, colonialismo e patriarcado. A categoria mais controversa entre os movimentos sociais na comunidade científica é o colonialismo. Este se desenvolveu de maneira diferente ao longo do tempo e em cada um dos territórios explorados, assim como cada país desenvolveu modelos próprios de colonização. Uma das marcas desse processo foi o contato entre colonizadores e povos nativos que viviam na América. Essas populações se organizavam de

maneira diferente ao longo do continente e foram fortemente impactadas pela chegada dos colonizadores. A relação dos colonizadores com os povos indígenas também se diversificou, mas de forma geral, essas populações foram desalojadas de suas terras, escravizadas, sofreram com epidemias, com ataques militares e algumas delas foram dizimadas. Embora esse modelo ajude a compreender a relação entre metrópole e colônia, algumas pesquisas mais recentes ressaltam que essa esquematização pressupõe uma relação unilateral e ignora a dinâmica interna da economia colonial.

Referência

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. Editora Vozes – Círculo do Livro, São Paulo, 1978.

Recebido em 23 de abril de 2021.

Aceito em 20 de agosto de 2021.